

Sarney de discurso

“Cumprirei meu dever até o fim”

ESTADO DE SÃO PAULO

Esta é a íntegra da Conversa ao Pé do Rádido de anteontem:

“Continuamos a ser vítimas de uma permanente onda de boatos de catastrofismo e profecias sobre hiperinflação. Aliás, eu já não estranho, porque, desde que assumi o governo, como tenho dito, todo o dia, permanentemente, no sentido de desestabilizar o País, segmentos não perfeitamente identificados não fazem outra coisa se não anunciar o caos. Graças a Deus, o caos nunca chegou e não chegará. O Brasil não é um País de caos. Embora tenhamos uma inflação alta, esta inflação indesejável, brutal, injusta e calamitosa que sou o primeiro a condenar, adotamos sempre a linha de proteger principalmente duas coisas: o desenvolvimento e o emprego, o salário do trabalhador, principalmente o de baixa renda.

Graças a isso, temos preservado o poder de compra. A recessão não chegou. O desemprego é o mais baixo das últimas décadas, isto é, girando em torno de 3,8%. Não há nenhuma justificativa macroeconômica para essa campanha de anúncio e de profecia do caos. O déficit, por exemplo, não está pressionando as contas públicas. Cumprimos a nossa parte. Os que não cumpriram a sua é que dizem o contrário, mas os números estão aí. Pela Lei nº 7.730, que manda gastar somente o que se arrecada, tínhamos folga para chegarmos a 8,437 bilhões de cruzados novos no primeiro semestre. Pois bem, só gastamos 8,032 bilhões de cruzados novos, portanto, com uma economia de 400 milhões. São contas 30% mais baixas que em 1988.

É o melhor desempenho do Tesouro nos últimos anos. Aquilo que em 87 — para comparação — foi um déficit primário de 2,41, hoje é um superávit de 0,52; isto é, um superávit primário, sem os juros. As exportações continuam no mesmo ritmo, a safra agrícola, de 72, continua com uma vitalidade muito grande, os aviões estão cheios, restaurantes cheios, vendas altíssimas. Basta dizer que o crescimento industrial em maio foi de cerca de 5%. Isto,

sem contarmos a economia informal que aí está e que tem sido objeto de um estudo por parte de muitos economistas.

A crise brasileira, nós não podemos negar, não é uma crise das nossas estruturas econômicas, que estão sadias, mas é do setor público, pela queda das suas receitas, pela dívida externa e interna, crise que foi agravada com os gastos nascidos da nova Constituição e os posteriores votados pelo Congresso. São conquistas necessárias, mas inatingíveis sem a geração de recursos e a transferência efetiva de responsabilidades na concepção de uma nova Federação.

Agora, eu reconheço que é natural a pergunta das brasileiras e brasileiros: presidente, e por que uma inflação tão alta? Tenho a dizer que ela não é pressionada pelo setor público, mas tem uma dose muito grande daquilo que Dionísio Dias Carneiro chamou de uma certa badalação do pânico e do oportunismo. Pânico que é induzido pela campanha psicológica das expectativas negativas, pelos especuladores que fazem um processo caótico de remarcação, oferecendo descontos altos, mas que mostram o preço irreal na etiqueta com a sementeira de insegurança que não deixa que o processo econômico e as medidas alcancem os seus objetivos. E adotaram uma fórmula simples que atende a políticos em busca de votos e aos especuladores em busca de ganhos fáceis: é botar a culpa no governo. Justificar que o roubo que se faz com esse procedimento, dessa natureza, no bolso do povo, é culpa, exclusivamente, do governo.

Contou-me, por exemplo, um amigo meu que foi comprar uma injeção. Num dia pagou 50 cruzados; no dia seguinte, foi tomar a mesma injeção e lhe pediram 100 cruzados. Ele perguntou o motivo e veio a resposta: “O culpado é o Sarney”. Ele não teve dúvida em retrucar: “Você me rouba aqui como um ladrão comum e diz que o culpado é o Sarney? O que tem o Sarney com a sua especulação?” Pois bem, esta é a fórmula fácil que foi adotada para simplificar todos os problemas do Brasil: colocar um culpado e agir dessa maneira, podendo fazer a

loucura de remarcações, puxar a inflação criando instabilidade, espalhar boatos que não correspondem às bases econômicas reais do País.

Naturalmente, perguntam também os senhores: e por que não se prende? Porque hoje, pela Constituição, ninguém pode ser preso a não ser por ordem judicial. Também devo reconhecer e proclamar que este não seria nunca um método eficaz. Seria um método policial, um método que não encontra uma correspondência nem com o meu temperamento nem com os procedimentos que devem existir numa democracia. O que se deve fazer, então? É você, brasileira e brasileiro, não comprar, resistir, comparar, pedir sempre a nota fiscal, evitando a sonegação e não se deixar ir na conversa de termos um culpado e, então, tudo está justificado e você fica passando como bobo.

Quero comunicar que hoje viajarei para a Argentina, para assistir à posse do presidente Menem, que substituirá o presidente Alfonsín, que durante o meu governo ajudou muito na política de integração latino-americana. Esperamos que esta política continue. Ela vai continuar com o presidente Menem, que já se manifestou nesse sentido e, assim, continuará a amizade sólida e fraterna entre Brasil e Argentina, que depende dos homens. Nós somos apenas instrumentos transitórios desse processo de libertação econômica de nossa América.

Finalmente, minha mensagem permanente de otimismo. O Brasil é um grande País, que não comporta nada de catástrofe nem corresponde a uma visão desse pessimismo grassante. Nós vamos levar a bom termo o barco. Tenho a certeza de que nestes quatro anos construímos a terceira grande democracia do mundo, com uma poderosa sociedade democrática. Cumprirei o meu dever até o fim, presidierei às eleições com isenção, sem candidato, assegurando a paz, como fiz em todas as outras eleições realizadas em meu governo. Esta é a quarta, devo lembrar. Passarei a faixa na data prevista, cumprindo a Constituição e esperando o julgamento da História. Muito obrigado e bom-dia”.